



O CONHECIMENTO TRADICIONAL SOBRE AS SERPENTES EM UMA COMUNIDADE RIBEIRINHA NO CENTRO-LESTE DA AMAZÔNIA

Traditional knowledge of snakes in a riverine village in central-eastern Amazonia

Lourival Baía de VASCONCELOS-NETO*; Antônio Samuel GARCIA-DA-SILVA; Ilka Andreyce da Silva BRITO; Hipócrates de Menezes CHALKIDIS[†]

[†]Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade (PPGBEES), Santarém, Pará, Brasil; *Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Programa de Pós-graduação em Biociências (PPG Biociências), Santarém, Pará, Brasil; †UNAMA - Centro Universitário da Amazônia, Laboratório de Pesquisas Zoológicas (LPZ), Santarém, Pará, Brasil; *Autor para correspondência: vasconcelosnetobio@hotmail.com

Submitted: 20/03/2018; Accepted: 13/09/2018

RESUMO

A etnociência investiga a origem das atitudes e relações humanas com o ambiente. Nesse contexto, a etnozootologia estuda o conhecimento tradicional do homem sobre os animais. O presente trabalho tem como objetivo obter informações sobre o conhecimento tradicional dos moradores da comunidade de Paracari (Monte Alegre, Pará, Brasil) acerca das serpentes, questionando sobre como eles denominam, caracterizam e lidam com esses animais e com os possíveis acidentes. Para isso, durante três campanhas efetuadas nos meses de novembro e dezembro de 2015, questionários contendo tópicos previamente selecionados foram aplicados a 42 moradores selecionados aleatoriamente e que se dispuseram a contribuir. Destes, 95,23% alegaram já terem tido contato com serpentes e, com relação à hostilidade, 59,53% afirmaram matar a serpente independente da espécie. Quanto à ocorrência de acidentes ofídicos no ciclo familiar, 61,90% dos entrevistados confirmaram tal ocorrência, mas apenas 38,46% procurou atendimento médico. O tratamento de origem popular mais comumente mencionado no caso de picada de cobra foi um extrato de planta artesanal chamado "Pau-X", fabricado, engarrafado e vendido livremente na região. Apenas *Eunectes murinus*, *Lachesis muta* e *Crotalus durissus* foram corretamente identificadas e caracterizadas pelos moradores. Algumas espécies foram identificadas corretamente, mas, em várias ocasiões, foram caracterizadas incorretamente como venenosas ou não. Todos os entrevistados confirmaram nunca ter tido acesso a informações ou participado de práticas educativo-ambientais sobre serpentes, o que pode contribuir diretamente para o uso de práticas inadequadas na identificação das espécies e no tratamento de acidentes ofídicos.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimentos tradicionais; Etnozootologia; Humanos; Questionário; Serpentes.

ABSTRACT

Ethnoscience investigates the origin of human attitudes and relationships with the environment. In this context, ethnozoology studies the traditional knowledge of man about animals. The present work aims to obtain information about the traditional knowledge from inhabitants of the Paracari community (Monte Alegre, Pará, Brazil) about snakes, questioning how they name, characterize and deal with these animals and with possible accidents. To do this, three campaigns were carried out in November and December 2015, when questionnaires containing previously selected topics were applied to 42 randomly selected residents who were willing to contribute. Of these, 95.23% reported having already encountered snakes, and, in relation to hostility, 59.53% admitted killing snakes independent of the species. Regarding the occurrence of ophidian accidents in the family cycle, 61.90% of the interviewees confirmed this occurrence, but only 38.46% sought medical attention. A plant extract handcrafted called "Pau-X" was the most commonly mentioned treatment of popular origin in the case of snakebite. It is manufactured, bottled and sold freely in the region. *Eunectes murinus*, *Lachesis muta*, and *Crotalus durissus* were correctly identified and characterized by the dwellers. Some species were identified correctly, but on several occasions, they were incorrectly characterized as poisonous or not. All interviewees have confirmed that they have never had access to information or participated in educational practices related to snakes, which can directly contribute to the use of inappropriate practices in identifying species and treating ophidian accidents.

KEY WORDS: Traditional knowledge; Ethnozoology; Humans; Questionnaire; Snakes.

INTRODUÇÃO

As serpentes, desde os primórdios da humanidade, vêm sendo mencionadas em diversas lendas, mitos e crenças dos mais variados grupos étnicos e religiosos em todo o mundo. Possivelmente, são os representantes do reino animal mais relacionados a esses tipos de relatos (MORRIS e MORRIS, 1965; OLIVER, 1958; GREENE, 1997; ANDREU, 2000; VIZOTTO, 2003). A ligação das serpentes com os relatos populares, na maioria das vezes, não é um fator positivo para a conservação das espécies; ao invés disso, o temor que os humanos sentem desses animais impulsiona a morte indiscriminada de indivíduos, independente da espécie ou do perigo que possam representar (FREITAS, 1999, 2003, 2008). Aliado ao medo, a falta de conhecimento também corrobora com o aumento da mortalidade de serpentes (POUGH et al., 2001; BARBOSA et al., 2007; BAPTISTA et al., 2008).

Para investigar a origem das atitudes e relações humanas com o ambiente, a etnociência tem como principal objetivo entender como o mundo é percebido, conhecido e significado por diversas culturas humanas (BEGOSSI, 1993). Nesse contexto, a etnozootologia estuda o conhecimento tradicional do homem sobre os animais (POSEY, 1986; BEGOSSI et al., 2002). Os estudos nessa área têm revelado que as culturas tradicionais possuem modelos cognitivos de manipulação dos recursos naturais, que podem contribuir diretamente para o avanço acadêmico na grande área da biologia, auxiliando na descoberta de novas espécies (POSEY, 1986) e na busca por caminhos para uma utilização alternativa do ambiente (POSEY, 1982; SCHEPS, 1993).

Há uma considerável variedade de termos através dos quais é possível descrever o conhecimento e as práticas tradicionais de um povo. Martin (2010), por exemplo, menciona pelo menos cinco termos cunhados para descrever diferentes tipos de conhecimento: conhecimento técnico indígena (*indigenous technical knowledge* – ITK), conhecimento ecológico tradicional (*traditional ecological knowledge* – TEK), conhecimento botânico tradicional (*traditional botanical knowledge* – TBK), sistema de conhecimento integrado (*integrated knowledge system* – IKS) e conhecimento das pessoas rurais (*rural people knowledge* – RPK), o qual foi objeto do presente estudo.

No Brasil existem atualmente cerca de 405 espécies de serpentes descritas, sendo o Estado do Pará o detentor da quarta maior riqueza entre as unidades federais, compreendendo cerca de 153 espécies, ficando atrás apenas dos Estados de São Paulo (156 espécies), Minas Gerais (159 espécies) e Mato Grosso (169 espécies) (COSTA e BÉRNILS, 2018). Devido à alta diversidade de espécies, moradores rurais que vivem mais próximos de áreas preservadas consequentemente podem estar mais suscetíveis a encontros ocasionais. Os encontros com serpentes podem causar acidentes e, ao longo dos anos, diversas técnicas e medicamentos naturais vêm sendo desenvolvidos por moradores de comunidades tradicionais e rurais para o tratamento dos acidentados (SULOCHANA et al., 2015; VÁSQUEZ et al., 2015). Apesar de algumas dessas práticas medicinais terem origem em crenças espirituais, a convivência próxima à natureza pode ter possibilitado o desenvolvimento de certo grau de conhecimento sobre o uso medicinal dos recursos fitoterápicos (SULOCHANA et al., 2015). Ainda, essa proximidade com os organismos no ambiente natural pode ser considerada eficiente para o desenvolvimento de técnicas para identificação de espécies (POSEY, 1986).

Assumindo que os seres humanos necessitam adquirir conhecimentos sobre seu entorno para assim poderem realizar suas apropriações da natureza, é importante entender como eles percebem, concebem e conceituam os recursos, paisagens ou ecossistemas dos quais dependem para subsistir. Essa manipulação do ambiente envolve, entre outras coisas, conhecer e saber lidar com os demais organismos do ambiente. Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo obter informações sobre o conhecimento tradicional dos moradores da comunidade de Paracari (Monte Alegre, Pará) acerca das serpentes, questionando sobre como eles nomeiam, caracterizam e lidam com esses animais e com os possíveis acidentes.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

Este estudo foi conduzido na comunidade de Paracari (2°06'45,64" S; 54°13'22,87" O), situada no município de Monte Alegre, oeste do Estado do Pará, Brasil. Essa comunidade tem cerca de 350 habitantes distribuídos em 113 famílias, que possuem como principal fonte de subsistência a agricultura, pesca e pecuária. A região pertence ao bioma Amazônia (IBGE, 2004), mas diferente das áreas de floresta tropical, nessa região a vegetação pode ser caracterizada como um tipo de cerrado aberto e baixo, possuindo casualmente algumas áreas com maior densidade vegetal, fisionomia típica dos fragmentos de savana amazônica (SARMIENTO, 1984; EITEN, 1983; HUBER, 1987). Essas áreas ocorrem como ilhas dispersas dentro da floresta e são localizadas relativamente próximas aos cursos fluviais principais; seu tamanho é variado, com comprimento e largura similares, abrangendo uma área estimada de aproximadamente 267,164 km², que são corriqueiramente ameaçadas pelas atividades agrícolas (CARVALHO e MUSTIN, 2017).

Métodos de coleta e análise dos dados

As informações foram coletadas por meio de um questionário pré-formulado com tópicos antecipadamente selecionados (COTTON, 1996). Durante três campanhas efetuadas nos meses de novembro e dezembro de 2015, foram entrevistados 42 moradores da comunidade de Paracari, de ambos os sexos, com idades variando entre 18 e 76 anos. A seleção dos entrevistados ocorreu de modo não probabilístico, de modo que o questionário era aplicado aos comunitários que aceitavam colaborar com o trabalho compartilhando seus conhecimentos e crenças (SOUZA, 2007).

Para a aplicação dos questionários contamos com o consentimento prévio de todos os moradores entrevistados. Para isso, no início e no decorrer das entrevistas os objetivos da pesquisa foram explicados de maneira clara, de modo que todos os participantes estavam cientes sobre a finalidade das informações que estavam concedendo.

O questionário aplicado foi preparado com duas etapas. A primeira teve como objetivo verificar as atitudes dos moradores em caso de encontros e acidentes ofídicos, e a segunda etapa foi elaborada com o objetivo de identificar a etnotaxonomia de serpentes por parte dos comunitários. Para a primeira parte, no início das entrevistas, perguntas diretas e indiretas foram direcionadas a questões do cotidiano e do conhecimento cultural dos entrevistados, sendo elas: A) Você já encontrou alguma cobra? B) O que você faz ao ver uma cobra? C) Você ou alguém da sua família já foi picado por cobra? Procurou atendimento médico (em caso de resposta positiva)? D) Você sabe algum remédio caseiro usado para tratar picada de cobra? Qual (em caso de resposta positiva)? E) Você sabe diferenciar uma cobra venenosa de uma não-venenosa? F) Em casa, na escola ou na comunidade você já teve alguma informação sobre cobras ou outros animais venenosos? G) Você conhece alguma lenda sobre cobras?

Na segunda etapa foram apresentadas aos entrevistados 20 imagens com espécies diferentes. Entre as imagens foram incluídas 17 espécies de serpentes (*Eunectes murinus*, *Leptophis ahaetula*, *Epicrates cenchria*, *Crotalus durissus*, *Corallus batesii*, *Lachesis muta*, *Leptodeira annulata*, *Mucrurus filiformis*, *Oxybelis fulgidus*, *Spilotes pullatus*, *Corallus hortulanus*, *Bothrops taeniata*, *Bothrops bilineata*, *Anilius scytale*, *Bothrops atrox*, *Boa constrictor* e *Xenodon merremii*), duas espécies de “lagartos” (*Ophiodes* sp. e *Amphisbaena alba*) e uma cecília/cobra-cega (*Caecilia* sp.). Após terem observado a imagem, os moradores foram questionados sobre o nome utilizado para identificar a espécie e a condição de peçonhenta ou não.

Os dados obtidos através dos questionários foram plotados no software Excel 2010*. Para a análise dos dados qualitativos foi utilizado o modelo de união de diversas competências individuais, onde tudo que os moradores mencionaram foi levado em consideração. Nesse método cada informante fornece “um registro supra-individual”, assim a pesquisa torna-se fiel ao etnoconhecimento local (HAYS apud MARQUES, 1991). Os nomes populares mencionados pelos moradores foram dispostos em uma tabela de cognição comparada, gerando assim uma melhor visão sobre o conhecimento tradicional local.

RESULTADOS

A maioria dos entrevistados, 95,23% (n=40), alegou já ter tido encontro com serpentes durante seu cotidiano. Quanto ao nível de hostilidade, 59,52% (n=25) dos entrevistados informaram que matam a serpente no momento do encontro independente da espécie ou dos danos que o animal possa causar à saúde, enquanto 28,57% (n=12) afirmaram que só matam quando a serpente é venenosa e 11,90% (n=05) alegaram que não fazem nada ou apenas correm no momento do encontro.

Quando indagados sobre a ocorrência de acidentes ofídicos com alguém do ciclo familiar, 61,90% (n=26) dos moradores que participaram da pesquisa responderam afirmativamente, sendo que destes, apenas 38,46% (n=10) procurou atendimento médico, enquanto os demais utilizaram técnicas e tratamentos alternativos no tratamento do acidente. Entre os métodos de tratamentos mais inusitados que foram relatados, podemos destacar: a ingestão de querosene com sal pelo acidentado; a fabricação de uma mistura com folhas de graviola (*Annona muricata*) e sal para ser aplicada sobre o local acidentado; a utilização de um composto com álcool, animais peçonhentos mortos e arruda (*Ruta graveolens*) para ser utilizado no local da picada; e, um mais curioso, que consistia em matar a serpente que causou o acidente, cortar alguma parte do espécime e colocar sobre o local da picada/mordida.

Entre os tratamentos alternativos citados, um foi reportado por 38,09% dos entrevistados (n=16). Trata-se de um medicamento fitoterápico de fabricação artesanal denominado “PAU-X”. Esse medicamento é supostamente um composto de extratos de plantas (de espécies não informadas), cujo fabricante é desconhecido pelos moradores. O composto é distribuído livremente por vendedores ambulantes ou vendido em feiras e mercados da região. A recomendação de uso é como anti-veneno de serpentes, escorpíões, aranhas, etc.

Ainda nesta primeira etapa foi perguntado diretamente aos entrevistados se eles sabiam diferenciar cobras venenosas de não venenosas. Entre os 42 entrevistados, 40,48% (n=17) alegaram saber diferenciar serpentes peçonhentas de não peçonhentas, outros 40,48% (n=17) afirmaram saber identificar algumas, e apenas 19,05% (n=8) responderam não saber diferenciá-las.

Em relação ao acesso a atividades educativo-ambientais sobre como evitar e tratar acidentes com cobras ou outros animais peçonhentos, todos afirmaram que nunca tiveram acesso a esse tipo de informação na escola ou comunidade.

Os entrevistados foram também encorajados a nos contar se tinham conhecimento de algum tipo de crença, lenda ou história sobre serpentes, e 19,00% (n=8) afirmaram conhecer alguma, entre elas, uma bastante conhecida na cultura amazônica, a lenda da Cobra Grande ou Boitatá. No entanto, alguns dos entrevistados mencionaram uma lenda que não foi encontrada em relatos da literatura amazônica. A estória é sobre as cobras-de-duas-cabeças (nome popular para algumas espécies do clado *Amphisbaenia*), e é explanada da seguinte forma: “A boiacica (cobra-de-duas-cabeças) queria ser a mais venenosa das cobras matando só com o olhar. Assim, Deus a castigou tirando sua visão.”

Na segunda etapa do questionário, quando os comunitários tiveram que identificar as serpentes através de fotos, a maioria não teve problemas para reconhecer as serpentes peçonhentas mais comuns na região, em contrapartida, algumas espécies que não apresentam perigo ao homem também foram erroneamente consideradas peçonhentas. *Micrurus filiformis*, *Boa constrictor* e *Bothrops atrox* foram identificadas por grande parte dos entrevistados, no entanto, nem sempre a condição de peçonhenta ou não foi devidamente atribuída à estas. Apenas três espécies de serpentes tiveram a condição de peçonhenta ou não devidamente informada por todos os entrevistados que às identificaram: *Crotalus durissus*, *Eunectes murinus* e *Lachesis muta*. A espécie *Bothrops bilineata* não foi identificada por nenhum nome (correto ou incorreto) pelos entrevistados (Figura 1).

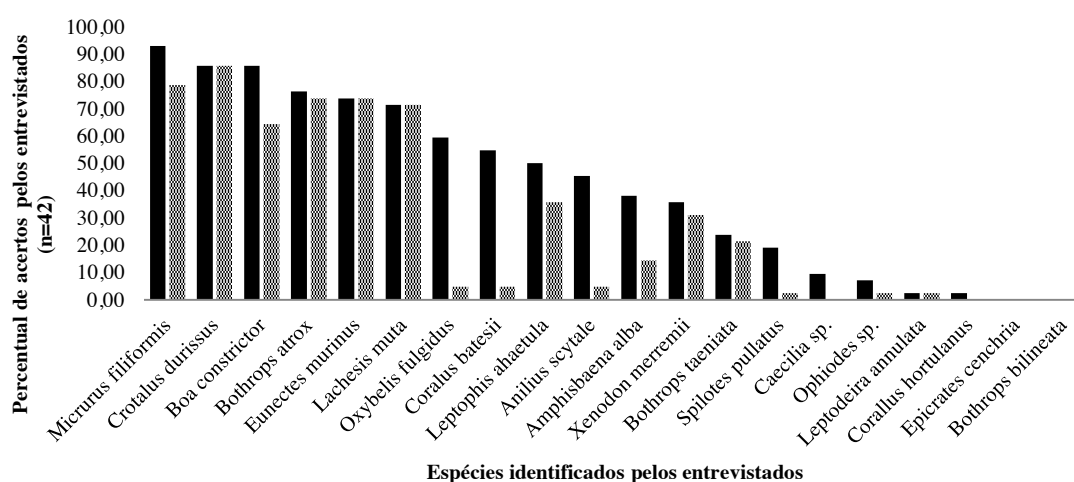


Figura 1: Percentual de acertos pelos entrevistados da comunidade de Paracari. Barras preenchidas representam os acertos sobre o nome popular da espécie e as barras pontilhadas representam os acertos sobre a condição de peçonhenta ou não.

O conhecimento sobre os nomes populares designados para as serpentes ou outros organismos serpentiformes presentes neste estudo mostrou-se bastante diversificado em relação a algumas espécies, inclusive constando alguns nomes que aparentemente estão se consolidando na comunidade, como boiacica (*Amphisbaena* sp.) e surucucu-rabo-de-mucura (*Lachesis muta*), além do lagarto serpentiforme *Ophiodes* sp., identificado em várias ocasiões como papa-lagarto e cobra-lagarto (Tabela 1).

DISCUSSÃO

O comportamento do homem frente aos animais pode ser formado pelo conjunto de valores, conhecimentos e percepções culturais, mas também pode ser gerado pela natureza das relações que os seres humanos mantêm com esses organismos (DREWS, 2002). A maioria dos moradores de Pacarari declarou que matam a serpente independente da espécie, e isso pode ser resultado do medo que os humanos sentem ao se depararem com esses animais, independente da espécie ou perigo que ela possa representar (FREITAS, 1999, 2003, 2008). É possível também que a hostilidade esteja relacionada diretamente à baixa escolaridade ou ao pouco contato com atividades educativo-ambientais (POUGH et al., 2001; BARBOSA et al., 2007; BAPTISTA et al., 2008; MOURA et al., 2010), o que foi verificado no presente trabalho.

Tabela 1: Conhecimento etnotaxonômico dos moradores da comunidade de Paracari sobre as serpentes.

Espécies	Nomes populares citados pelos moradores		
<i>Amphisbaena alba</i>	cobra-de-duas-cabeças	boiacica	cobra-cega
<i>Eunectes murinus</i>	sucurijú	sucuri	
<i>Leptophis ahaetula</i>	cobra-papagaio	cobra-cipó	
<i>Epicrates cenchria</i>	jiboia-vermelha	surucucu-de-fogo	jiboia
<i>Crotalus durissus</i>	cascavel	surucucu-pico-de-jaca	surucucu-cascavel
<i>Corallus batesii</i>	cobra-papagaio		
<i>Lachesis muta</i>	surucucu-pico-de-jaca	surucucu	surucucu-rabo-de-mucura
<i>Leptodeira annulata</i>	cobra-cipó	jiboia	jararaquinha
<i>Micrurus filiformis</i>	coral		
<i>Oxybelis fulgidus</i>	cobra-papagaio	cobra-verde	
<i>Spilotes pullatus</i>	caninana	salamanta	papa-ovo
<i>Corallus hortulanus</i>	cobra-de-veado	jiboia	jiboia-branca
<i>Bothrops taeniata</i>	surucucu	jararaca	comboia
<i>Bothrops bilineata</i>
<i>Anilius scytale</i>	coral	cobra-cega	cobra-de-duas-cabeças
<i>Bothrops atrox</i>	surucucu	jararaca	surucucu-da-várzea
<i>Boa constrictor</i>	jiboia		
<i>Xenodon merremii</i>	surucucu-cascuda	pepeua	salamanta
<i>Caecilia</i> sp.	bioacica-d'água	cobra-de-duas-cabeças	cobra-cega
<i>Ophiodes</i> sp.	cobra-de-vidro	papa-lagarto	cobra-lagarto

Em geral, é difícil definir a natureza da relação dos humanos com as serpentes, já que as interações do homem com outros animais evoluíram bem antes das primeiras tentativas de representá-las, tanto nas artes e na história, quanto nas ciências (SAX, 2001). Possivelmente, a cultura local e religiosidade têm papel determinante para o comportamento da comunidade frente a esses animais, visto que, ao se analisar culturas distintas, é possível notar que as serpentes são vistas sob diferentes perspectivas. Por exemplo, no Antigo Egito as serpentes eram adoradas como deuses e, atualmente, essa prática ainda pode ser encontrada em algumas localidades da África, Ásia e na Índia (RIBEIRO, 2017). Por outro lado, na maioria das culturas ocidentais as serpentes sempre foram animais temidos e odiados por estarem envolvidos em diversas lendas e crendices obscuras, além de uma “maldição” imposta pela Bíblia (BORGES, 2001; VISOTO, 2003; FRAGA et al., 2013).

A utilização de plantas pela etnomedicina é constatada em diversas populações tradicionais (ROCHA, 2006; BAPTISTA, 2012; SULOCHANA et al., 2015; VÁSQUEZ et al., 2015). Testes em laboratório já demonstraram que os extratos de algumas plantas podem ser úteis como anti-veneno de cobras, auxiliando na diminuição da atividade da toxina (KRISHNAN et al., 2014). Além disso, tratamentos zoterápicos que utilizam serpentes como medidas profiláticas, como mencionado por alguns entrevistados, podem também ser considerados bastante difundidos entre povos tradicionais (BRAZIL, 1934; BALDWIN, 1995; ALVES et al., 2007; BARBOSA et al., 2007). No entanto, a soroterapia ainda é o tratamento mais eficiente contra acidentes ofídicos.

O contato com atividades educativo-ambientais influencia positivamente uma redução paralela do nível de hostilidade das pessoas e da concepção de que todas as serpentes são perigosas (MOURA et al., 2010). É possível que as informações repassadas possam auxiliar também redução da procura por tratamentos alternativos, reduzindo os riscos à saúde humana. No entanto, é importante ressaltar que os comunitários de regiões longínquas dos centros urbanos não são devidamente assistidos pelos serviços de saúde, e quando o acidente ocorre, a distância, tempo de atendimento e falta de recursos acabam interferindo na busca por tratamentos eficazes, abrindo margem para tratamentos empíricos e perigosos. Desse modo, políticas públicas devem agir paralelamente com as ações educativas.

Além de conscientizar os moradores, palestras e conversas informais podem transmitir dados importantes também para a ciência, pois as informações fornecidas pelos comunitários podem gerar bases importantes para a ecologia da conservação e manejo da biodiversidade (HANAZAKI, 2003).

A lenda atribuída aos anfisbênios (cobras-de-duas-cabeças) pode derivar da combinação de crenças religiosas com histórias do cotidiano dos moradores, sendo que as lendas tratam de narrações populares baseadas em fatos históricos, que ao serem contadas transformam-se no resultado do inconsciente da imaginação popular, sendo modificadas de acordo com as tradições locais (BAYARD, 1957). Na Amazônia, há uma grande variedade de lendas e mitos (ARAÚJO, 2004), e devido à extensão do território e diversidade cultural essa variação pode ser explicada pelas alterações geradas a cada vez que são narradas (BAYARD, 1957), originando novas lendas e crenças em diferentes localidades.

Na identificação das espécies apresentadas na segunda parte da entrevista, algumas foram erroneamente identificadas como peçonhentas. Isso pode ser atribuído à falta de informação dos moradores, pois, levando em consideração os critérios que estes utilizam na identificação das serpentes, pode-se notar que grande parte dos erros na classificação da condição de peçonhentas ou não peçonhentas é proveniente da utilização de métodos de identificação antigos e defasados, ou simplesmente de métodos válidos apenas para outras regiões zoogeográficas. Essas técnicas para identificação de serpentes peçonhentas são bastante difundidas entre os povos rurais e consideram algumas características morfológicas, como cabeça em forma de flecha, pupilas dos olhos verticalizadas e escamas pequenas na cabeça (SILVA, 2006; ARRUDA, 2016; LIMA et al., 2018). Em alguns casos, esses métodos de identificação levam em consideração inclusive padrões de sequência de cores, como mencionado por alguns moradores para as cobras-corais (*Micrurus* sp.).

Um caso curioso ocorreu com *Boa Constrictor*, onde 25% dos entrevistados que identificaram corretamente a espécie afirmaram que esta fica “venenosa” no mês de maio. Uma possível explicação ao fato é que o período informado possa coincidir com o período de reprodução, gestação, processo de ecdise, entre outras causas que podem tornar os indivíduos mais agressivos. Apesar de curioso, os mitos com jiboias não são raros. Em algumas localidades na Amazônia as pessoas acreditam que essa espécie possui um poder mítico de hipnotizar e atrair suas presas (SILVA, 2006).

Alguns nomes citados não foram encontrados em relatos anteriores na região nem na literatura, o que pode ser comum, pois a sociedade humana categoriza e identifica os animais de acordo com os costumes e percepções da cultura local (POSEY, 1986). Houve também casos em que atribuíram o nome de uma serpente para outra espécie, e isso pode estar relacionado ao fato de que algumas serpentes possuem características morfológicas semelhantes, por pertencerem ao mesmo táxon ou, simplesmente por terem similaridades morfológicas como tamanho, coloração ou comportamento. Corroborando com esta hipótese, alguns entrevistados atribuíram o mesmo nome para espécies diferentes, como jiboia, atribuído para *Boa constrictor*, *Corallus hortulanus* e *Epicrates cenchria*. Esse tipo nomeação é uma prática bastante difundida na identificação de espécies por povos tradicionais, pois os aspectos morfológicos são os mais utilizados na etnotaxonomia biológica (BERLIN, 1973).

CONCLUSÕES

Nossos resultados indicam que, apesar de os moradores da comunidade de Paracari reconhecerem as principais serpentes peçonhentas da região, essa atribuição pode ser gerada simplesmente pela generalização dessa característica. Porém, uma grande diversidade de nomes é atribuída às serpentes, incluindo nomes ainda pouco presentes ou ausentes na literatura. O conhecimento sobre formas alternativas para o tratamento de acidentes é bastante diversificado, no entanto, os métodos utilizados aparentemente se baseiam mais em princípios arbitrários que em conhecimento tradicional empírico. Potencialmente, a falta de informação e o pouco contato com atividades educativo-ambientais são alguns dos fatores que intensificam a ocorrência dessas práticas. Os moradores da comunidade de Paracari nunca tiveram acesso às informações necessárias para a distinção das espécies potencialmente perigosas e daquelas que não representam mal algum, fomentando reações hostis em caso de encontros ocasionais com qualquer serpente. Torna-se então necessária a realização de práticas de educação ambiental com a população local para ajudar na conscientização quanto à importância das serpentes e dos demais organismos que compõem o meio ambiente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. R. N., PEREIRA-FILHO, G. A.; LIMA, Y. C. C. Snakes used in ethnomedicine in Northeast Brazil. **Environ. Development Sustain**, v. 9, p. 455-464, 2007.
- ANDREU, G. C. Mytos, leyendas y realidades de los reptiles de México. **Ciencia Ergo Sum** v. 7, n. 3, p. 286-291, 2000.
- ARAÚJO, A. M. **Folclore Nacional I: festas, bailados, mitos e lendas**. Martins Fontes, São Paulo, 2004.
- ARRUDA, L. F. **Aspectos morfológicos e etno-herpetologia de duas espécies do gênero *Sibynomorphus* (Serpentes, Dipsadidae) no estado de Minas Gerais, Brasil**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Viçosa, 2016.
- BALDWIN, M. The snakestone experiments. An early modern medical debate. **Isis**, v. 86, n. 3, p. 394-418, 1995.
- BAPTISTA, E. R. **Conhecimentos e práticas de cura em comunidades rurais amazônicas: Recursos terapêuticos vegetais**. Manaus: Edua/Naea, 2012.
- BAPTISTA, G. C. S.; COSTA-NETO, E. M.; VALVERDE, M. C. C. Diálogo entre concepções prévias dos estudantes e conhecimento científico escolar: relações sobre os Amphisbaenia. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 47, p. 1-16, 2008.
- BARBOSA, A. R.; NISHIDA, A. K.; COSTA, E. S.; CAZÉ, A. L. R. Abordagem etnoherpetológica de São José da Mata, Paraíba, Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 7, n. 2, p. 117-123, 2007.
- BAYARD, J. P. **A história das lendas**. Ridendo Castigat Mores: Edição eletrônica, 1957.
- BEGOSSI, A. Ecologia humana: um enfoque das relações homem-ambiente. **Interciencia**, v. 18, p. 121-132, 1993.

- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; SILVANO, R. A. M. Ecologia humana, etnoecologia e conservação. In: AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. (eds.) **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. UNESP, Rio Claro/SP. 2002.
- BERLIN, B. General principles of classification and nomenclature in folk biology. *American Anthropologist*, v. 75 n. 1, p. 214-242, 1973.
- BORGES, R. C. **Serpentes peçonhentas brasileiras: manual de identificação, prevenção e procedimentos em caso de acidentes**. São Paulo: Atheneu, 2001.
- BRAZIL, V. Do emprego da peçonha em terapêutica. *Biologie Medicale*, v. 1, p. 7-21, 1934.
- CARVALHO, W. D.; MUSTIN, K. The highly threatened and little-known Amazonian savannahs. *Nature Ecology & Evolution*, v. 1, n. 4, p. 1-3, 2017.
- COSTA, H. C.; BÉRNILS, R. S. **Lista de espécies de répteis brasileiros**. Disponível em <http://www.sbherpetologia.org.br> Acesso em 30 ago 2018.
- COTTON, C. M. **Ethnobotany: principles and applications**. Paperback, 1996.
- DREWS, C. Attitudes, knowledge and wild animals as pets in Costa Rica. *Anthrozoös*, v. 15, n. 2, p. 119-138, 2002.
- EITEN, G. **Classificação da vegetação do Brasil**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico: Brasília, Brasil. 1983.
- FRAGA, R.; LIMA, A. P.; PRUDENTE, A. L. C.; MAGNUSSON, W. E. **Guia de Cobras da Região de Manaus - Amazônia Central**. Manaus: Editora INPA, 2013. 303 p.
- FREITAS, M. A. **Distribuição geográfica, história natural e avaliação do status de conservação da jaracuçu-tapete, Bothrops pirajai (Amaral, 1923)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Zoologia) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus. 2008.
- FREITAS, M. A. **Serpentes brasileiras**. Lauro de Freitas: Malha-de-Sapo-Publicações. 2003.
- FREITAS, M. A. **Serpentes da Bahia e do Brasil**. Feira de Santana: DALL, 1999.
- GREENE, H. **Snakes: the evolution of mystery in nature**. University of California Press, Berkeley. 1997.
- HANAZAKI, N. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. *Biotemas*, v. 16, n. 1, p. 23-47, 2003.
- HUBER, O. Neotropical savannas: their flora and vegetation. *Trends in Ecology & Evolution*, v. 2, n. 3, p. 67-71, 1987.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2004. **Mapa de Biomas do Brasil Escala 1: 5000000**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomas.shtm>. Acesso em 30 maio 2018.
- LIMA, B. S.; SOUZA, M. M.; SOUTO, N. L.; BARROS, A. B. Investigating the ethnoherpetological knowledge of coffee farmers on the serpents of the municipality of Inconfidentes, Minas Gerais, Brazil. *Ethnoscintia*, v. 3, 2018.
- MARQUES, J. G. W. **Aspectos ecológicos na etnoecologia dos pescadores do complexo estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba, Alagoas**. Tese (Doutorado em Ecologia) – Universidade de Campinas, Campinas, 1991.
- MARTIN, G. J. **Ethnobotany: a method manual**. Chapman and Hall, London. 2010.
- MORRIS, R.; MORRIS, D. **Men and snakes**. Hutchinson, London. 1965.
- MOURA, M. R.; COSTA, H. C.; SÃO-PEDRO, V. A.; FERNANDES, V. D.; FEIO, R. N. The relationship between people and snakes in eastern Minas Gerais, southeastern Brazil. *Biota Neotropica*, v. 10, n. 4, p. 132-141, 2010.
- OLIVER, J. A. **Snakes in fact and fiction**. The Macmillian Company, New York. 1958.
- POUGH, F. H.; ANDREWS, R. M.; CADLE, J. E.; CRUMP, M. L.; SAVITZKY, A. H.; WELLS, K. D. **Herpetology**. Second edition. New Jersey: Prentice-Hall, 2001.
- POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (ed). **Suma etnológica brasileira**, volume 1. FINEP/Vozes, Rio de Janeiro, p.15-25, 1986.
- POSEY, D. A. Indigenous knowledge and development: an ideological bridge to the future. *Ciência e Cultura*, v. 35, n. 7, p. 877-894, 1982.
- RIBEIRO, M. G. **Imaginário da serpente de A a Z**. (Livro eletrônico). Campina Grande: EDUEPB, 2017.
- ROCHA, S. F. R. **As plantas medicinais usadas pela comunidade Caxiuanã, situada na Floresta Nacional de Caxiuanã, município de Melgaço – PA**. Dissertação de Mestrado, UFRA, Belém-PA. 2006.
- SARMIENTO, G. **The ecology of neotropical savannas**. Harvard University Press, 1984.
- SAX, B. **The mythical zoo: an A-Z of animals in world myth, legend, and literature**. ABC-CLIO Inc., Santa Bárbara, USA, 2001.
- SCHEPS, R. **La science sauvage: des savoirs populaires aux ethnosciences**. Éditions du Seuil, Paris, França, 1993.
- SILVA, M. V. **Serpentes do estado do Acre: riqueza, dieta, etno-conhecimento e acidentes ofídicos**. Dissertação (Mestrado em ecologia e manejo de recursos naturais) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2006.
- SOUZA, J. H. **Os aracnídeos (Arachnida: Araneae, Scorpiones) na comunidade quilombola de Mesquita, Goiás: um estudo de caso sobre etnobiologia**. Dissertação (Mestrado em Biologia animal). Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- SULOCHANA, A. K.; RAVEENDRAN, D.; KRISHNAMMA, A. P.; OOMMEN, O. V. Ethnomedicinal plants used for snake envenomation by folk traditional practitioners from Kallar forest region of South Western Ghats, Kerala, India. *Journal of intercultural ethnopharmacology*, v. 4, n. 1, p. 47, 2015.
- VÁSQUEZ, J.; ALARCÓN, J. C.; JIMÉNEZ, S. L.; JARAMILLO, G. I.; GÓMEZ-BETANCUR, I. C.; REY-SUÁREZ, J. P.; JARAMILLO, K. M.; MUÑOZ, D. C.; MARÍN, D. M.; ROMERO, J. O. Main plants used in traditional medicine for the treatment of snake bites in the regions of the department of Antioquia, Colombia. *Journal of ethnopharmacology*, v. 170, p. 158-166, 2015.
- VIZOTTO, L. D. **Serpentes: lendas, mitos, superstições e credences**. Plêiade, São Paulo. 2003.